

capital, mas sempre empresas, e não empreendimentos individuais. Surge, assim, em S. Paulo, a 19 de fevereiro de 1921, a *Folha da Noite*, jornal organizado como empresa e que vai revelar um caricaturista excepcional: Belmonte. Exemplo de periódico surgido de imposição das lutas políticas é o *Diário do Povo*, que começa a circular, no Recife, a 13 de setembro de 1921, fundado e dirigido por Raul Azedo e Joaquim Pimenta. O ambiente na cidade é tormentoso, com desordens de rua, morrendo nelas o linotipista de *A Província*, Edgard de Oliveira; o novo órgão polemiza com o tradicional *Jornal do Comércio*. Em maio de 1922, dá-se a ocupação militar da capital pernambucana, a redação do *Diário do Povo* é atacada a bala, a circulação do *Diário de Pernambuco* e do *Jornal do Recife* é suspensa, o bacharel Tomás Coelho é assassinado por uma patrulha, os órgãos governistas *A Província* e *Jornal do Comércio* recebem garantias militares para o privilégio de circular. O *Diário do Povo* reaparece a 2 de junho, trazendo o retrato de José Martins, um dos operários assassinados nos dias de violência militar, de que se queixaria até mesmo o órgão da arquidiocese, a *Tribuna Religiosa*, protestando contra “a invasão de suas oficinas por soldados do Exército”. Eram sinais das paixões políticas desencadeadas, abrindo no país prolongado período de turbulência.

Como sempre, as fases de sucessão presidencial eram intervalos críticos em que as mazelas do regime vinham à tona, travestidas naturalmente como questões partidárias apenas, de luta pelas posições ou competições pessoais. No fundo, entretanto, estavam as contradições da sociedade brasileira, traduzindo-se em forma compatível com a época. Essas contradições envolviam a ascensão burguesa em processo, trazendo a primeiro plano sua vanguarda, a pequena burguesia urbana, que assumia função política eminente. Acontece que nessa camada social estava a maioria do público da imprensa: esse público influía nos jornais e era influenciado pelos jornais; e essa relação, na época, não era perturbada pelas forças econômicas que, mais adiante, tanto pesariam na orientação dos periódicos; a venda avulsa pesava, por outro lado, e muito, na vida deles, mais do que a publicidade: um grande jornal era, quase sempre, aquele que tinha tiragem grande. A sucessão presidencial, agora, encontrava outras condições para o seu processo e de forma alguma se desenvolveria sem a participação apaixonada da pequena burguesia. Tudo isso correspondia, em suma — ainda que os protagonistas não se dessem conta — à deterioração do regime, que se aproximava da intransferível crise. No caso, estavam colocadas duas candidaturas, e eram sempre duas, não mais, quando havia luta, em alguns casos resumindo-se tudo em candidatura única, quando não havia luta: a de Artur Bernardes, do lado das forças partidárias tradicionais,